

ENTREVISTA

“Meu herói é o samba”:

Tiãozinho da Mocidade, independente
com raiz

“Meu herói é o samba”: Tiãozinho da
Mocidade, independent with root

KARINA SMITH

Graduada em Conservação e Restauração pela UFRJ.

karinasmith.id@gmail.com

Apresentação

Imaginar uma língua que se restrinja a tomar nota. Que, no lugar de mapear um repertório incapturável na gramática do conceito, na economia do letramento historiográfico, mapeie o silêncio da paradinha da Avenida. Na história dos desfiles, a invenção desse silêncio – incapturável na lógica do conceito gráfico – está ligada à evolução da mais original orquestra de percussão de que se tem notícia, a bateria da Mocidade. Coisa que, na Vila Vintém, pertence ao leque de fundamentos que fazem a tradição da verde e branco: a relação entre a trajetória da Velha Guarda, e uma paisagem rítmica, atualizada como fundo de memórias coletivas gravadas na ritualização de um sentido vital comum. A biografia de Tiãozinho da Mocidade dá o toque para operarmos sob a perspectiva de uma epistemologia comum às invenções da Escola, baseada na intrínca da relação entre território suburbano e identidade.

Eu tenho a felicidade de ser dali, e pertencer à Escola. Eu tenho 50 anos de Escola, tive a felicidade de ganhar 5 sambas (83, 85, 86, 90 e 91): *Como era verde o meu Xingu*, *Ziriguidum* – que foi campeão do carnaval, *Bruxarias e histórias do arco da velha*, *Vira Virou* e *Chuê Chuá* foram bicampeões do carnaval. Escrevi também para a Rocinha, que era uma Escola de outro grupo, e como era de um grupo diferente da Mocidade eu podia fazer isso. Com toda essa história do carnaval, fui fazer samba fora do país, Suécia, Finlândia, Paris, Londres, Canadá, Itália. No Brasil, ganhei samba em Manaus, em Tocantins, São Paulo, ganhei samba no Amapá. Eu trabalhei com a Velha Guarda, com a Harmonia da Escola, hoje estou na presidência do samba na Mangueira. Estão escrevendo um livro sobre mim, o pessoal da UERJ. Desfilei na Velha Guarda, trabalhei na Velha Guarda Show, fui do departamento cultural da Velha Guarda, sou hoje presidente de honra do departamento cultural da Mocidade, e sou conselheiro da Escola também. Viajei muito com Mestre André, fiz show em um monte de lugar no Brasil com ele, rodamos esse Brasil todo. Isso tudo com a Mocidade, a Escola que me deu essa condição. Meu herói é o samba. (informação verbal)¹

Quando o entrevistamos, em outubro de 2021, a memória da sua trajetória invariavelmente ia se transformando na chance de ancorar, nos fundamentos do bairro de Padre Miguel, a história da Mocidade. “Meu herói é o samba” foi o mote da conversa que se esticou para um churrasco de fim de sábado, em sua casa em Bangu. “Meu herói é o samba” sempre vinha ligada ao aviso de que “o que importa nessa história toda é a Mocidade” (informação verbal)². E não se falou de Mocidade sem que se falasse de Ivo Lavadeira, Tio Dengo, a família do Jorjão, a Maria do Siri (que cedeu seu quintal para que houvesse o primeiro ensaio da Mocidade), Glorinha (que é bicheira e filha da primeira porta-bandeira, a Helena), Bibiana, filha da Tia Chica. “Tia Chica foi a baiana que deu todo o axé, a herança percussiva, para a Mocidade. Todos os batuqueiros da Escola passavam primeiro pelo terreiro da Tia Chica para bater cabeça (o próprio André), para depois irem pro samba.” (informação verbal)³ A bateria da escola está enraizada nos batuques dos ogãs, dos candomblés domésticos de Tia Chica. Dentre eles, mestre André, personagem mítico, cujo apito reinventou a contagem do tempo no carnaval de avenida, e o fez à imagem dos três atabaques tradicionais da nação Ketu: “quando Tião Miquimba, junto com mestre André, criam essa terceira, esse surdo de terceira é o encontro do samba de avenida com a sua raiz, que era exatamente, no terreiro do João Alabá, o samba do *rum, rumpi e lé*.” (informação verbal)⁴ Ser independente e raiz, canta a letra que selou o título de 1990. Este é o pouco de plenitude que podemos conseguir quando nos movemos no movimento vacilante das tradições que, como na capoeira de Angola, operam via movimentos de *negaça*.

A primeira vez que a Vila Vintém é cantada em um samba da Mocidade, eram meus versos com os versos da minha escola. Eu falava: “Sou independente, sou raiz também, sou Padre Miguel, sou Vila Vintém”. Era eu cantando a minha história com a história da Mocidade. Sou dois anos mais velho que a Mocidade, sou de 1949, ela é de 1952... Você nascer num lugar que quase ninguém conhece, que era esquecido, no sertão carioca, e você ter a felicidade de fazer desse lugar uma coisa importante. (informação verbal)⁵

Os lugares de memória, os espaços formadores de lembrança, são compostos por referências cotidianas e um imaginário coletivo, fundamentais para a construção das tradições diaspóricas. São “assenta-

mentos" culturais, para reivindicarmos o vocabulário dos terreiros. São assentamentos que apesar de adquirirem diversos formatos (desde a extensão em linha nas ruas e avenidas, como procissões de folia de reis, turmas de bate-bola, blocos e desfiles das Escolas; até as territorializações circulares, como rodas de samba e capoeira, as giras, as rodas culturais e rinhas de MCs), mudam necessariamente de natureza à medida que aumentam suas conexões. À tecnologia rítmica da qual é dotado o *beat* – que constitui o tempo como obra de criação – devemos a interação com o *imaterial* cuja poética se preserva como patrimônio.

Era desse jeito, mesmo em 1949, quando nasci, era assim também. Eram todos operários, e era um lugar que atraía pessoas do Brasil inteiro, mineiros, pernambucanos, estrangeiros, italianos, portugueses. Fez-se um comércio, para vender um carvão, um querosene, uma fruta, enfim, todo esse comércio começa a se fazer em torno disso. E quando você muda para um lugar, você não está indo sozinho. Você está indo com toda a sua influência cultural. E os mineiros trazem suas folias de reis, os pernambucanos seu forró, um jeito de viver, de comer, e aquilo ali vira um caldeirão cultural, e aquele meio ali absorve tudo isso de forma muito natural. Eu tenho essa felicidade de nascer nesse berço cultural, que é o berço que vai ajudar a construir a Mocidade Independente. Quando eu era garoto se falava muito em Mocidade e Unidos de Padre Miguel, então você desperta uma paixão pela escola que é muito natural. Aí ter a felicidade de chegar na Escola e cantar essa Vila Vintém, é um negócio de louco. (informação verbal)⁶

FOTOGRAFIA 1: Toquinho, Jorginho Medeiros e Tiãozinho, compositores sambas do bicampeonato de 1990 e 1991.



Fonte: Departamento Cultural da Mocidade

Entrevista com Tiãozinho da Mocidade⁷



(QR Code de acesso ao vídeo da entrevista)

Arquivo: Entrevista I (33 min e 38 seg)

Realizada em 08 de outubro de 2021

Identificação: Meu nome é Neuzo Sebastião de Amorim Tavares, eu nasci no dia 04 de agosto de 1949 lá na Barão com a Belizário “onde não é lugar de otário” na Vila Vintém, sou brasileiro com muito orgulho, sou um sambista e amigo de todos vocês.

Karina (K.): Como a Escola guarda, cuida e preserva a memória do samba?

Tiãozinho da Mocidade (T.M.): A Velha Guarda tem uma sede onde é guardado um monte de coisa boa. Eu já fui diretor cultural da Velha Guarda, e eles fazem isso com muita propriedade, com muito carinho.

K.: Eles têm esse espaço?

T.: Tem, tem.. na beira, na, na... na esquina ali da Vila Vintém.

K.: Que tem... aquela parede lá que tem ali na, na...

T.: Isso.

K.: De frente pra quadra, que tem escrito Velha Guarda, é ali?

T.: Isso, é ali, eles têm. Agora por causa da Pandemia estão devagar, mas lá tem uma sala que eles guardam...

K.: Eles têm um acervo?

T.: É um acervo, é... inclusive muita coisa aqui que eu quero passar para eles.

Solicitamos ao Tiãozinho que nos mostrasse um objeto de seu acervo.

T.: Uma coisa que eu vou te mostrar que eu acho... que eu tive maior orgulho. Olha aqui que... sabe o quê que é isso?

K.: Nossa 100 anos.

T.: De quê?

K.: De samba.

T.: A moeda de 100 anos de samba. Fui eu que cunhei essa moeda.

K.: Sério!?

T.: Foi pela Casa da Moeda... nada... Foi, foi, foi.. foi promovida pela casa da moeda com uma, uma... um movimento do museu do samba do qual sou presidente e eu tive a honra de cunhar essa moeda nos cem anos de samba. Foi num show lá no... na Tijuca... no Renascença... muito legal! Moacyr Luz, aquela turma toda e a gente fazendo... e quem foi lá cunhar a moeda fui eu.

K.: Que linda!

T.: E não é só linda não... a importância né, você pensar o samba fez cem anos e me chamam pra fazer isso... é muito honroso mesmo... quer dizer, são coisas que eu guardo com muito carinho né.

K.: Sabe qual é a materialidade dessa moeda?

T.: Deve ser bronze né... ou... não sei que liga é essa não... Pelo Telefone...

K.: Primeiro samba gravado, quer dizer, como convencionou-se dizer...

T.: Esse material não sei... "Pelo Telephone" já foi... o samba já começou meio com controvérsias né... Donga era um esperto! Ai, ai...

K.: O senhor sabe como é feito o sistema de guarda, permanência e descarte das fantasias da escola?

T.: Eu acho que hoje não tem essa coisa... esse cuidado mais não. Sabe porque... eu acho que... você encontra isso no museu do samba... eu posso até achar sabe... fazer com que vocês cheguem lá, fazer essa abertura... É uma coisa que eu já falava com Paulo Viana há muito tempo, sabe... de ter sabe... de toda escola ter uma memoriazinha guar-

dada, porque eu acho que seria muito legal. A cidade do samba podia criar isso dentro da cidade do samba, mas é... eles não têm... pelo olhar financeiro as pessoas pegam aquela fantasia de um ano e desfaz para aproveitar para o ano seguinte porque aquilo tem um custo...

K.: Isso que eu ia perguntar também, porque tem muitas escolas que reaproveitam as fantasias né?

T.: Reciclagem né... de uma fantasia para a outra o que a gente tem é a fotografia... muita gente tem fotografia... poucas até, eu acho que se gerou um universo muito grande de material, mas com poucas memórias, sabe... mas é através da fotografia que nego guarda alguma coisa, mas fora disso eu desconheço, a não ser no museu do samba que tem algumas coisas guardadas assim e você pode ter acesso.

K.: Qual é a importância da memória para o samba?

T.: É importante para guardar, para poder preservar, para que haja futuro, para que esse samba não morra. É importante se ter memória para tudo, e o samba não é diferente de nada, ele tem que ter a sua memória para você poder mostrar para gerações futuras onde isso começou, de que forma começou, como que era porque corre o perigo de ser modernizado ou desvirtuado de sua fonte. Senão a pessoa está fazendo outra coisa e dizendo que é samba e você que quer saber a verdade sobre alguma coisa, de qualquer cultura, vai acabar se perdendo nesse caminho. Por isso a importância de preservar. Trabalhos como o seu e de outras pessoas que estão fazendo.

Tem o museu do samba com esse cuidado, com esse carinho, o Iphan está aí fazendo um trabalho com esse cuidado também de preservação de toda história para que o samba não se perca. Porque há um perigo muito grande com todas essas entropias, de todas essas coisas que acontecem com a vida de alguma forma, com certeza com o samba não vai ser diferente. O Jorge Aragão uma vez fez uma música que fala assim "respeite quem pode chegar onde a gente chegou", porque lá no meio do caminho tinha gente dizendo que o samba era deles e não de pessoas que faziam o samba como se fazia no fundo de quintal por exemplo, já era uma repetição do samba de terreiro por exemplo, aquilo já foi uma mostra do samba verdadeiro, não que o samba não possa evoluir, eu acho que o samba se mistura com tudo como eu falei: o samba é igual água, se mistura com tudo e sai samba de novo. Ele tem esse poder agregador, ele se mistura com todo mundo, mas ele sabe a importância dele.

Se misturar água com qualquer coisa ela vai ser útil aquela mistura e depois vai se separar... e eu sou água e eles são isso ou aquilo, só que sem querer desmerecer ninguém, a importância de cada um... Então você toma um remédio e toma com água e vai te fazer um bem danado. Depois a água sai para um lado e o remédio sai para o outro. E assim que o samba é também, dando a importância, sem discriminação. Ele é democrático e isso é extremamente importante para a gente poder inclusive aprender a viver com o samba, porque ele te ensina a se misturar com todo mundo, com todas as coisas, sem preconceito, sem racismo, sem nada. A visão do samba é maravilhosa. Eu acho que o samba é a única expressão no Brasil que você consegue juntar o pobre e o rico, o gordo e o magro, o feio e o bonito, sabe, o bandido com o policial no mesmo lugar dançando a mesma dança, cantando a mesma música e ninguém quer mexer com ninguém. Eu vi isso numa quadra de samba, eu ficava maravilhado, as pessoas do bem chegando com o pessoal bandidinho, que era assim, que era assado... O feio com bonito, todo mundo fica bonito ali, todo mundo fica lindo naquele espaço. Eu acho que o samba tem esse poder e isso me faz muito feliz de ser um sambista. O samba é o meu herói!

**FOTOGRAFIA 2: Tiãozinho da Mocidade,
concedendo a entrevista em out. 2021.**



Fonte: Eduardo de Almeida

K.: Durante esse tempo de Mocidade, quais foram as mudanças boas e ruins?

T.: A vida mudou muito e o samba é uma coisa da gente. Ele muda com a gente é claro que tem coisas que era importante preservar... uma vez eu vi um amigo meu carnavalesco dizendo da importância... a gente luta muito para mudar as mesmices da vida, mas tem mesmice que faz um bem danado. Se você para de respirar, que é uma mesmice, se parar de fazer isso você morre. O coração parar de bater, você vai embora. Então tem mesmices que são importantes, assim como os surdos das escolas... tuuum tum, ele não sai disso, se sair disso ele está fora, já não é mais samba. Então essas coisas acontecem e estão preservadas, porque são importantes, é como o coração, a respiração, o sol nascendo todo dia, sabe sendo noite, dia, tarde e noite, e se mudar isso degradingola tudo. Então tem coisas que são importantes para que a vida continue e aquilo continue sendo o que é. Então o samba tem suas bases percussivas e melódicas. Ele tem uma linha melódica extremamente importante e como já falei o samba agrega tudo, porque é capaz de ir lá na cultura da Índia, a cultura da África.

O samba da Mocidade falou há tempos atrás de Índia, falou de África, de Marrocos, a gente fala do Brasil inteiro, de outros ritmos, de outras culturas, a gente fala de outra forma de comer. Eu acho que essa grandeza o samba tem de abraçar inclusive não só esse lado cultural, mas... as queixas, as mazelas... Ele fala das dores, dos problemas femininos. O samba é essa gente do bem que vem parar despertar as pessoas e tudo isso em forma de alegria. Quando ele fala de doação, quando ele fala de amor, de incompreensão, de religiosos que um aceita e outro não aceita, essas coisas... o samba está sempre se preocupando exatamente com isso, porque cabeças como as nossas estão voltadas para esse segmento dando vez aos que não tem voz.

O samba já começou desse jeito, ele não tinha voz, depois ele ganha voz e dá voz à minha gente, agora é claro que ele dando voz a muita gente, ele dá voz também a quem não é do samba, e aí ele incorre em coisas que eu conheci como samba e que hoje não é mais. Sabe... quer dizer... mudaram a rainha de bateria da frente de bateria e que era a menina de uma comunidade, que vendia seus votos para poder ser... depois acharam que botar uma moça bonita na frente, nada contra a beleza de ninguém... seria mais legal, mas aquele espírito de amor por aquele negócio perdeu, a coisa ficou muito lado financeiro, lado visual. A televisão

forçou isso, quer dizer, a internet força algumas coisas e quem procura saber da verdade, o próprio mundo mesmo... as pessoas através da internet, tem umas que querem ver coisas como a beleza mas tem outras que querer ver como era a verdade, e aí é importante ter pessoas como você fazendo esse tipo de trabalho para que a gente preserve a verdade, de onde saiu, onde que é essa fonte de felicidade? Onde que essa fonte de alegria está? Ela está exatamente aqui. Sabe, eu conheci muita coisa desse jeito. Depois dos banqueiros, eles cresceram, enriqueceram, ficaram chiques, mas alegria também caiu bastante. Antigamente se brincava o carnaval com muita alegria, agora no samba tem uma coisa muito interessante, é que ele se reinventa.

O povo brasileiro, o carioca, principalmente. As escolas de samba estão perdendo essa emoção, essa grandeza, você sai para os blocos, hoje você vê as pessoas brincando no carnaval, nos blocos com uma alegria, uma felicidade tão grande, as rodas de samba que fazem samba o ano inteiro, você vê as pessoas que estão lá cantando e batendo, tomando sua cerveja e namorando numa felicidade enorme, estão curtindo aquele espaço desse jeito. Eu ia para a escola de samba em 1966, 67, 68 para sambar, eu ficava feliz, enquanto não guardava o último surdo, eu e muita gente ia para sambar. Tinha o samba duro que não se tem mais na escola de samba, você disputava quem gostava de sambar, sambava, e quem não sabia sambar... eu vejo uma coisa aqui de fora que as pessoas não têm noção, muita gente pergunta "como eu faço para sair na Mocidade, eu que não sei sambar?", não precisa, você bota a fantasia e começa a compor uma ala e vai embora, mas antigamente tinha que saber sambar. Para sair em uma escola de samba tinha que no mínimo saber sambar um pouquinho. Hoje aceita tudo, tem ala de estrangeiros, ala de gaúchos, que dizer... o samba é democrático, ele aceita tudo isso... você passar na avenida leve sua alegria que você vai compor essas alas todas, é importante, mas a gente ia para o samba para sambar. Ele por essa democracia dele oferece esse desvio de conduta, mas é extremamente importante, ainda tem espalho como a ala de passista onde você encontra o samba de verdade, o samba no pé. Aí você encontra o pessoal sambando de verdade com o samba no pé, e isso foi se modernizando porque a vida mudou muito, então o samba acompanhou tudo isso. Não deixou de ser samba, a todo momento ele tá dando um grito, um levante.

As escolas atualmente, os carnavalescos mais jovens, o Joãozinho Trinta já fazia isso, desses alertas quando ele fez "*ratos e urubus*"... enfim. Fernando Pinto fazia isso, Pamplona fazia essas coisas, se via, ele preservava isso, mas já teve rapaziada mais jovem que faz carnaval para o Tuiuti e para a Mangueira dando um sacode no pessoal, questionando essas coisas todas. Eu acho que isso é importante. Havia um cuidado muito grande, por exemplo, quando eu via a minha mãe assistindo televisão, vendo as escolas de samba, isso em 64, por aí, na TV Tupi, e ela e um senhor que era muito amigo da macumba, que minha mãe era uma Yalorixá muito poderosa e muito iluminada, mas ela adorava samba, chegou inclusive a sair na Mocidade. Aí eles falavam, esse seu Dorival que era amigo da minha mãe, "ô comadre, olha só, essa escola tá só no cetim, só no cetim. Essa escola não tem luxo nenhum", então havia uma preocupação com o luxo, então essa brecha chega nos senhores do bicho e preenchendo isso trouxeram todo esse glamour para a escola, mas alguns perigos, eles mudaram o visual. Em 82, o Império Serrano que era uma escola tradicionalíssima já se queixava disso, quando ela falava "super-escola de samba S.A. super-alegorias, escondendo gente bamba, que covardia" quer dizer... então ele vai lá buscar o bumbumbaticumbum do Ismael mostrando que o samba tem uma raiz e é importante preservar isso. A todo momento a gente está fazendo um alerta, dando uma catucada, não pode deixar a coisa correr solta. Ele deixa um pouquinho depois ele dá uns catuque, é por aí.

K.: O que caracteriza a identidade da Mocidade?

T.: A Mocidade... eu fiz uma frase no samba, eu, o Gibi e o Arsênio, a gente fez uma frase usando, que o nome da Mocidade surge de um time de futebol, fundado pelo Ivo Lavadeira. Grande Ivo Lavadeira! Eles colocam o nome do time do Independente, é o Independente Football Club. Depois surge a escola de samba como a Mocidade do Independente, mas depois de tanto a pessoa falar Mocidade Independente aí hoje se fala Mocidade Independente, não é "Mocidade do Independente", que era o time. Mocidade Independente de Padre Miguel, e a gente fez um verso que falava assim "Sou a Mocidade, sou independente, vou a qualquer lugar", mas esse ser independente e ir a qualquer lugar te dá liberdade de você avançar para onde você quiser, "eu vou a lua, eu vou ao sol" aquela música que faz o carnaval das estrelas, ela mostra que qualquer mocidade, a liberdade de você quando é jovem tem direito de fazer tudo, se você jovem botar um cabelo vermelho, outro azul, e sair

pela rua ninguém vai... agora se eu velho desse jeito aqui, com a idade que tenho fizer isso “o coroa ficou doido”.

Você tem uma escola que te permite essa abertura de ser mocidade, ser independente e ir a qualquer lugar, você vai na lua, vai no sol, vai a qualquer ideia de novidade que você tenha, sempre preservando... quando eu falo “sou independente, sou raiz também, sou Padre Miguel, sou Vila Vintém”, então esse sempre foi o meu cuidado, primeiro falei que era a Mocidade, que ia a qualquer lugar no samba que te fazia viajar pelo espaço sideral, e a gente conseguiu um efeito muito interessante mas depois na frente eu recupero quando eu digo “sou independente, sou raiz também”, eu não sou só independente, eu tenho a minha raiz e essa raiz é preciso preservar, para que o samba continue sendo verdadeiro. A Mocidade tem um apego muito grande ao seu ritmo, ela tende muito bem isso, porque acho que Padre Miguel é um bairro percussivo, acho que capital da percussão, é a bateria que bate melhor no carnaval, já dizia um compositor, acho que Mauro Reis. Então, essa referência ao André, ao Miquimba, à Quirino e outros... enfim, todos os batuqueiros, Fumão, Dengo, a família da Tia Chica, da família Oliveira que se faz referência, eu acho que tem uma importância muito grande.

A Mocidade aceita se modernizar, mas ela não perde seu ritmo, ela tem uma batida própria, além dela ter o surdo de terceira ela tem o surdo invertido, que foi por um acidente na avenida com o mestre André... que é uma característica que aos poucos as escolas perderam, porque essa ciranda de troca de mestre de bateria é como você muda de um time, você leva a sua filosofia para aquele lugar que você vai e a Mocidade por ter deixado isso com herança do André, ela até hoje preserva isso, essa batida, essa afinação ao contrário. Então com a característica de sua caixa ter uma levada diferente, ela é uma bateria que só a Mocidade faz desse jeito, não é melhor nem pior do que ninguém, mas ela tem sua característica e essas coisas é importante não perder, as outras às vezes você não consegue mais segurar, tem evolução que você não consegue mais saber voltar atrás.

Se alguém hoje quiser viver sem whatsapp, sem Orkut, quer dizer Orkut já foi, mas foi moderno um dia, facebook e por aí vai... com certeza futuramente surgirão outras coisas que você não vai poder viver sem isso, mas você tem que se adaptar a isso sem perder a sua raiz, sem deixar de falar o português, embora por mais palavras estrangeiras que cheguem para você é importante saber isso até para não se perder

diante disso, pelo menos conhecer o outro idioma que está chegando às vezes se comete gafes né, então isso é importante, você estar de acordo com aquilo que é moderno. Não é para parar, o mundo não pode parar porque o samba tem que ficar na raiz, o samba ficou na raiz, você sempre vai reconhecer sua fonte, mas você é obrigado a acompanhar o mundo porque a evolução natural vai te levar, a gente está hoje no estágio que estamos vivendo porque a gente não parou o mundo, se a gente parar o mundo a gente aí tá perdido, mas a gente vai acompanhar sempre preservando uma coisa que é primordial, que é mais ou menos como eu falei da respiração, do coração.

Claudio (C.): Tem uma coisa que é um enigma muito fundamental que é a autoria coletiva, não tem, parece, um prestígio do artista individual, fechado dentro da sua experiência particular. Então são duas coisas muito enigmáticas para mim: o processo produtivo do compositor, a preservação da memória relacionada a isso e o processo produtivo em conjunto.

T.: São das modernidades que aconteceram no samba, na vida na verdade, quer dizer, na vida musical né... o pessoal não fazia isso no sertanejo, não fazia isso no pagode, mas é a preocupação em ganhar dinheiro, que é uma tristeza isso né, que vai contra aquilo que era esse lado bonito do samba né, quer dizer, o sambista de verdade, o compositor para ser compositor de uma escola de samba quando eu cheguei, você precisava fazer um estágio. Tinha que pegar a memória da escola, o estilo da escola e fazer um estágio durante dois, três anos depois ter o direito de escrever o samba de enredo, esse estágio era fazer samba de quadra para você pegar, cada escolinha tinha a sua identidade. Antigamente você ouvia um samba sem dizer o nome da escola "pô esse samba da Portela tá bonito, esse samba do Salgueiro tá legal, o samba do Império tá assim, o samba da Mangueira tá assado e a Mocidade também tinha essa identidade", hoje não se tem mais isso. Por exemplo, eu criei uma expressão no samba dessa época mais ou menos, cheguei a fazer samba com três pessoas. A ala às vezes permitiu fazer quatro, mas sempre tem alguém que fica de fora e isso é triste sabe... porque você acaba criando nomes pro samba que não são mentiras pro mundo do samba, e quando você faz samba com essa coletividade toda, com certeza é... já chegaram a me pedir trinta mil para eu ganhar um samba da Mocidade, pô peraí, respeita a minha história!

Eu não me envolvo mais com esse momento que está, não tenho dinheiro para isso e não preciso mais, se for questão de ganhar expressão em cima do samba para estar ligado à Escola é claro que eu gostaria de ganhar um samba da Mocidade de novo, com certeza, ver minha escola cantando a minha obra é ótimo. Mas, não que eu não tenha orgulho de não dividir com ninguém, quando eu sou feliz eu quero estar feliz com muita gente, mas para fazer um trabalho que você precisa de duas pessoas talvez, sabe, seria o máximo! Quando eu vejo gente grande e até gente com nome expressivo na escola dividindo isso eu não entendo muito bem essa necessidade, e para mim é muito mais financeiro do que você buscar uma expressão para poder mostrar o samba que você quer ganhar numa escola.

Hoje o que o samba, o que o carnaval proporciona é um trabalho que automaticamente vai para duzentos e varada de países, que veem o carnaval brasileiro, principalmente o carioca. O carnaval faz escala lá em Manaus, São Paulo e tal, mas o do Rio de Janeiro vai para muitos países e é o mais esperado, então isso acho que faz dessas pessoas essa vontade de aparecer, de ser alguém ligado a uma obra que às vezes o próprio compositor não sabe nem cantar os sambas direito, aquilo que ele fez é como se ter um filho que não tem seus traços, não tem DNA seu e todos os meus sambas tem meu DNA.

Não falo por orgulho, cada um sabe administrar do seu jeito, mas eu acho complicado e até porque isso depõe contra o próprio samba, porque o samba tá permitindo coisas que não se permite em outro ritmo. Você não faz um rap, que talvez seja o ritmo mais novo, da rapaziada “ah vamos juntar aqui, vamos fazer um rap”. Por mais que seja improviso, por exemplo, o partido-alto permite isso, e cada um faz um verso, aí tá justificando o fato de cada um fazer um pedaço mas volta ao cara que criou a base, sabe quando você “ah eu não quer mais amar essa mulher, ela magoou meu coração” aí cada um vai e parte de um verso, isso é legal, você tem uma democracia. Você tá numa mesa, cantam trinta pessoas uma música só, mas sempre voltando àquela base e aquela base foi criada por um autor e quem sabe improvisar, improvisa. E isso é uma coisa, agora quando você faz uma música que ela tem que tá inteira para poder atender uma escola desfilando, ou atender um outro ritmo qualquer, é complicado, e isso não se faz só no partido-alto como também se faz no calango, se faz em outros ritmos que permitem essa inserção de outras pessoas pela estrutura musical dela, ela permite

isso, mas o samba de enredo não. Numa música com quatro minutos por aí, ou um pouco menos, que tem que repetir n vezes na avenida... eu acho que pelo fato dela dar dinheiro e dar visibilidade, eu acho que essa visibilidade foi procurada por muita gente inclusive pelos senhores que hoje abraçam as escolas, os patronos. Eles buscam essa visibilidade e apostaram muito dinheiro em cima disso, então quando você quer visibilidade, você faz qualquer coisa para aparecer bem na foto, como o pessoal fala, mas eu acho que esse é um grande perigo... eu não saberia fazer dessa forma, mas tem muita gente fazendo isso exatamente porque o samba proporciona muita visibilidade à muita gente. O futuro disso é complicado, porque hoje tá legal, todo mundo tá fazendo e amanhã vai continuar assim? Amanhã vai ter alguém dizendo "não, esse samba é meu, esse samba não é seu, você entrou aqui com dez reais, toma teus dez reais e vai embora" e obra é uma coisa séria. Samba para mim é uma coisa séria, eu levo o samba muito a sério, com muito carinho, sério e carinhoso. Eu tenho muito carinho pelo samba, por isso eu tenho esse cuidado, mas que a coisa tá desse jeito tá. Você não vê criar rock com dez pessoas, não vê bolero, enfim, outros ritmos que tem por aí fazer desse jeito, é uma tristeza isso.

C.: Tem uma amiga que fala que o futuro é ancestral, porque você liga a TV, vai ao cinema, sempre parece que o futuro te descola da nossa realidade e ele é sempre o melhor. Parece que para nossa tradição, o passado não é o lugar do atraso, o passado não é o lugar da incompletude, o passado que o senhor fala de raiz, "independente com raiz", parece que a escola é o lugar de conservação dessa ideia de que o nosso passado é um passado que tem que ser...

T.: Modificado?

C.: É!

T.: Eu acho que é inevitável certas coisas, porque todo dia é um dia diferente. A vida acontece a cada dia você pedindo a Deus para poder ser útil e ser digno de receber toda essa bondade e a própria vida vai te obrigando a muita coisa, você vai vivendo de outra forma, você muda a sua casa, não é mais aldeia, você já não mora mais em caverna, isso naturalmente. Não que isso seja atraso, muita gente tá voltando a morar no interior, tem muita gente buscando o que se fazia antigamente como era na roça, eu moro aqui, adoro plantar eu adoro mexer com coisas que parecem coisas do passado e não são. Na verdade, se você olhar bem isso, como isso é estruturado o passado tem tudo a ver, você perder a

agricultura que se modernizou para poder atender um volume maior de pessoas. Eu acho que esse crescimento do mundo, que faz modificar muita coisa, quando você pega um samba que tem que atender mais pessoas, escolas de samba que foram crescendo, foram crescendo e de repente elas também seguraram porque o tempo de televisão começou a diminuir. A televisão quer uma coisa feita mais compacta, e aí você começa a fazer as coisas que não atendem a todas as tuas vontades, desejos de se mostrar. Você não pode chegar mais na avenida e sambar à vontade, tirar tua onda, ficar feliz, jogar beijinho, fazer paradinha.

Tem que fazer aquele negócio muito “vamos passando” porque o tempo de televisão a gente quer ver o outro e atrás vem gente e assim é a vida. Ela vai te empurrando, mas quando você consegue fazer tudo isso preservando o que há de essência, a essência você não pode perder, senão a gente deixaria de ser até a gente mesmo. Eu adoro coisas do passado, como eu adoraria, por exemplo, tá lá junto na Vila Vintém, na Barão com a Belizário “onde não é lugar de otário”, com a minha avó pô, sabe... na folia de reis de seu Manoel Francisco ouvindo o samba da esquina da Barão com a Belizário, ver Antônio Invencível brincando de pique, de outras coisas que se faz na infância, com maior felicidade, eu tenho uma memória disso... hoje não posso mais fazer isso, até pela idade, mas isso tá guardado no meu coração de uma forma bem bonita, e na Mocidade, vê lá aquela senhora que ficava na frente da escola vendendo bolinho de aipim e a gente suado bebia água, não tinha cerveja no samba, só tinha batida, samba não se vendia cerveja como se vende hoje. Você ia tomar um biricutico lá fora, por conta disso o Jorginho Carioca fez uma música. Quando a Mocidade iniciou, na época que comecei a ir, ela cobrava um real ou dois, não era nem real, era cruzeiro, depois que veio o real, mas quando o Jorginho Carioca começou a ir a Mocidade não cobrava nada. Mas quando começaram a querer ganhar dinheiro para botar a escola na rua, essas coisas do dinheiro, história que acontecem para poder essa coisa ser maior. Descobriram que se você cobrasse na portaria um valor simbólico para poder botar a escola na rua... você ficava fazendo o livro de ouro, ficava de porta em porta pedindo... então quando a quadra descobre aquela quadra que foi fundada pelo pai do Jorjão, se Orozimbo na gestão do Mestre André naquela quadra antiga da Vintém.

Pegava rã quando chovia, que eu morava na Vintém, e lá era um brejo, aí depois aterraram e fizeram isso. Então nessa quadra começaram

a cobrar ingresso, quando a pessoa saía e voltava, tinha que pegar na portaria. O Jorginho Carioca que era, compositor maravilhoso, ele foi lá fora tomar um “tapa no beijo” no cospe grosso, e quando ele voltou tinha um cara na portaria “ou, ou” aí ele “o que foi, eu sou o Jorginho”, “quem é Jorginho”, “um compositor”, “compositor de onde rapá?”, “daqui da Mocidade”, o cara não conhecia ele, portaria geralmente é isso, “sou o compositor aqui dessa escola, sou o Jorginho Carioca”, aí o cara “o senhor tem algum documento que prove que o senhor é compositor da escola?” aí ele tira aquela coisa embolada e pega a carteira da Mocidade e fala “mostrando a minha identidade, eu posso provar a verdade a essa gente, como eu sou da Mocidade Independente”. Esse cara era cria, então o compositor tem esse poder diante da dificuldade, a poesia te carrega para esses caminhos, a poesia, a arte cria caminhos bonitos, lindos, capazes de resolver todos esses questionamentos que a gente faz com o que existe de futuro, de passado. Tá aí o cinema, o teatro, a música sempre viajando em cima dessa vibe, até os termos são diferentes, com muito carinho, com muito cuidado, mostrando que tem solução para tudo isso.

NOTAS

¹ Entrevista concedida por TAVARES, Neuze Sebastião de Amorim (Tiãozinho da Mocidade). Entrevista II [out. 2021]. Entrevistadores Karina Smith e Claudio Medeiros. Rio de Janeiro, 2021. arquivo .mp3 (60 min.) A primeira parte da entrevista encontra-se transcrita, na íntegra, no último capítulo deste artigo.

² *Ibid.*

³ *Ibid.*

⁴ *Ibid.*

⁵ *Ibid.*

⁶ *Ibid.*

⁷ Entrevista concedida por TAVARES, Neuze Sebastião de Amorim (Tiãozinho da Mocidade). Entrevista I [out. 2021]. Entrevistadores Karina Smith e Claudio Medeiros. Rio de Janeiro, 2021. arquivo .mp3 (33 min 38 seg).

BIBLIOGRAFIA

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Trad. Cid Moreira. São Paulo: Ed. 34, 2001.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

_____. "Poéticas livres e forçadas". Revista *Alcheringa* - Michel Benamou e Jerome Rothenberg (Org.), Universidade de Boston, 1976. Tradução Thadeu Santos (<https://editorakza1.wordpress.com/2017/01/25/edouard-glissant-poeticas-livres-e-forçadas/>)

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Trad. Adelaine Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KOPENAWA, David. **A queda do céu**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. **De la Postcolonie: essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine**. Paris: Éditions Karthala, 2000.

MEDEIROS, Claudio; GALDINO, Victor (Orgs.) **Experimentos de filosofia pós-colonial**. São Paulo: Ed. Filosófica Politeia, 2020.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz. **Samba de enredo: história e arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

RUFINO, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. 2017. 233 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Rio de Janeiro, 2017.

SANTO, Spirito. **Do Samba ao Funk do Jorjão**. Rio de Janeiro: SESC, 2016.

S, Neuze Sebastião de Amorim (Tiãozinho da Mocidade). Entrevista I [out. 2021]. Entrevistadores Karina Smith e Claudio Medeiros. Rio de Janeiro, 2021. arquivo .mp3 (33 min 38 seg).

TAVARES, Neuze Sebastião de Amorim (Tiãozinho da Mocidade). Entrevista II [out. 2021]. Entrevistadores Karina Smith e Claudio Medeiros. Rio de Janeiro, 2021. arquivo .mp3 (60 min.)